

As dimensões do trabalho na vida errante do moleque Ricardo, personagem à margem em *Usina* de José Lins do Rego

Angela Maria Rubel Fanini (UTFPR)¹
Vanessa Lopes Ribeiro (UTFPR)²

149

Resumo: Este artigo analisa as construções discursivas sobre o universo do trabalho no romance *Usina* de José Lins do Rego, mais especificamente, das personagens à margem do sistema, que tem como principal representante a personagem Ricardo. Para tanto a presente pesquisa considera o pressuposto de que o texto literário reflete e refrata dada realidade (BAKHTIN/VOLOCHINOV,1986), imbuída de questões ideológicas investigadas, neste estudo, a partir das teorias da sociologia do trabalho e da perspectiva estético-sociológica. As situações narrativas enfocadas revelam o quanto o mundo do trabalho norteia as vidas das personagens que habitam espaços diversos: engenho, usina e cidade com certa variação de significado em função da voz autoral que contamina a condução da narrativa. Portanto, percebe-se, nesse discurso, um trabalho mais humanizador, ou seja, menos explorador, em tempos de engenho se comparado ao tempo presente da narrativa: a modernização da usina e a formação da classe trabalhadora nos centros urbanos.

Palavras-chave: Modernidade. Universo do trabalho. Literatura Brasileira.

Abstract: This article analyzes the discursive constructions about the work environment in the novel “Usina” by José Lins do Rego, more particularly, of the characters on the sidelines of the system, whose main representative is the character Ricardo. For such, this research considers the assumption that the literary text reflects and refracts the given reality (Bakhtin / Volochínov, 1986), permeated by ideological issues investigated in this study, from the theories of work sociology and aesthetic-sociological perspective. The focused narrative situations reveal how the world of work guides the lives of the characters that inhabit different spaces: sugar mill, plant and town with some meaning variation depending on the authorial voice which infects the driving of the narrative. Therefore, one realizes, in this discourse, a more humanizing and less explorer work, in times of sugar mills compared to the present time of the narrative: the modernization of the mill and the formation of the working class in urban areas.

Keywords: Modernity. Work environment. Brazilian Literature.

¹ Doutora em Teoria Literária pela UFSC. Professora no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR, *campus* Curitiba. <http://lattes.cnpq.br/5603456212749590>. UTFPR, Curitiba, Brasil, rubel@utfpr.edu.br.

² Doutoranda em Tecnologia pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. <http://lattes.cnpq.br/7108030355119454>. UTFPR, Curitiba, Brasil, Vanessa.ribeiro@ifpr.edu.br.

O romance *Usina* (2012) de José Lins do Rego, com publicação em 1936, apresenta um cenário de abrupta modificação não só na vida dos trabalhadores da zona canavieira nordestina como também, embora em menor proporção, dos trabalhadores urbanos que iniciavam suas reivindicações trabalhistas, envolvendo-se em movimentos de greves. O tempo da narrativa enfoca o momento em que os engenhos se modernizam e se tornam potentes usinas mecanizadas ou engenhos de fogo morto como terras para plantio de cana. Nesse contexto, o autor nos apresenta quais são esses novos trabalhadores da região e o destino dos que já ali se encontravam, sob o olhar de um narrador-observador que, a partir do discurso indireto livre, em constante exercício de alteridade, concede voz a vários personagens, principalmente aos desvalidos, muitas vezes silenciados em outras narrativas do autor.

O enredo dessa obra se constitui pela tensa relação entre empregados e patrões nos vários engenhos e usinas para se deter mais especificamente às transformações do Engenho Santa Rosa em Usina Bom Jesus, ambiente predominante da narrativa, até porque a primeira parte, intitulada “O retorno”, funciona mais como forma de explicar quem é o moleque Ricardo, para quem não leu romances anteriores do autor, onde esteve e como volta ao cenário rural. Dessa forma, o romancista inicia a segunda parte da obra, denominada “Usina”, na qual podemos acompanhar a trajetória da personagem Ricardo e de sua gente, assim como a do empreendedor usineiro Dr. Juca e a concorrência entre os usineiros na obtenção de capital para investir em maquinários com melhor tecnologia. No discurso das personagens representantes da classe trabalhadora operária que transita entre uma usina e outra fica marcante um certo deslumbramento com tal tecnologia e a crença no progresso inevitável tão questionado pelo autor.

Tendo em vista a extensão do romance em tela e as naturais limitações de espaço destinado à apresentação deste artigo, propõe-se a analisar integralmente a primeira parte da obra e os trechos da segunda parte em que aparece a personagem Ricardo. A partir desse recorte, objetivamos examinar as construções discursivas dessa personagem à margem do sistema, cercada de tantas outras personagens na mesma situação, mas que

ganha certa grandeza ao longo da narrativa sobre o universo do trabalho na zona da mata nordestina. Isso, tendo em vista o pressuposto de que o texto literário reflete e refrata dada realidade (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1986), imbuída de questões ideológicas, com particularidades muitas vezes relevadas pela História e ou pela Sociologia.

Ao final do século XIX, o Brasil já não tinha o sistema escravista como principal mão de obra. Então, quem passaria a ser a mão de obra, o braço forte para dar continuidade ou passar a fazer parte desse novo universo de trabalho no campo, mais especificamente na zona canavieira nordestina? Quais discursos deram conta de positivar o trabalho? Não se trata aqui de querer definir tão somente se o trabalho é ou não central na vida das personagens ou de entender a obra literária como reflexo da sociedade, mas de observar no discurso literário, como ele vem se reconfigurando ao longo do tempo, quem são esses trabalhadores. A partir do texto literário que plasma determinada realidade e a representa em suas particularidades, obtemos um melhor delineamento do cotidiano laboral desses indivíduos e a dimensão que eles conferem ao trabalho denota a visão ideológica do escritor e de seu tempo.

Para a análise do objeto de pesquisa apresentado, tomar-se-á os conceitos de trabalho presentes nas obras de Marx e Engels (1998), Marx (1996) e Lukács (1996), para os quais o trabalho é condição ontológica, ou seja, o homem só se constitui como ser social a partir do trabalho. Marx faz referência ao trabalho como a categoria que dá origem a um novo tipo de ser que é o ser social. Em *O Capital*, no trecho que talvez seja o mais conhecido, o autor apresenta sua definição sobre trabalho:

o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais do corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (MARX, 1996, p. 202)

Entretanto, para Marx, o trabalho em sua forma concreta, na sociedade capitalista, também apresenta uma centralidade política no sentido de que cabe à classe

trabalhadora, produtora de riqueza material, a missão de encabeçar a transformação radical da sociedade. Nessa mesma esteira, Lukács, em *Ontologia do ser social*, parte deste pressuposto marxiano para afirmar que os homens podem viver apenas se efetivarem contínua transformação da natureza, e que essa transformação, diferentemente do que ocorre na esfera biológica, é teleologicamente constituída. A essa teleologia, a essa capacidade de representação subjetiva do homem para uma finalidade, o escritor húngaro denomina trabalho, que só poderá se desenvolver pela mediação de complexos sociais fundamentais, na relação com outros seres sociais. Nisso, o homem transforma a natureza e se transforma.

Porém, o trabalho analisado por Marx e Engels (1998) na segunda metade do XIX, sob os efeitos da revolução industrial, no contexto capitalista, portanto, passa a regredir o homem à condição de animal, porque o trabalhador age somente em prol de satisfazer suas necessidades físicas, a alienação do trabalho. Como o trabalho aparece no discurso da maioria das personagens como central em suas vidas, embora muitas vezes degradado e alienante, até porque o interesse da classe dominante, ao longo da história, sempre foi amordaçar o indivíduo a esse tipo de trabalho com baixos custos de produção para ela, essa reflexão dos autores faz-se pertinente para o recorte desta pesquisa, no sentido de perceber em que medida essas personagens consideram ou exercem práticas laborais no sentido humanizador (LUKÁCS, 1996) ou corrompidas, alienadas pelo capital (MARX, ENGELS, 1998), ainda que a teoria conjunta desses dois autores seja fruto da análise da sociedade industrial europeia do século XIX. A partir desse arcabouço teórico é que se pretende desvelar a dimensão do trabalho na vida da personagem Ricardo e demais personagens mais periféricas na narrativa, que constituem o grosso da classe trabalhadora, no contexto abarcado pelo romance.

Da prisão em Fernando ao advento da usina, da maquinaria, no Santa Rosa

Na ilha

A personagem Ricardo já está no trem de volta para o Engenho Santa Rosa enquanto sua memória recupera os dois anos em que viveu na ilha de Fernando de

Noronha, como detento junto a outros companheiros, Simão, Deodato e Jesuíno, com os quais tinha se envolvido num movimento grevista em Recife. Estes, após alguns dias na ilha, começaram a trabalhar na padaria do presídio, enquanto Ricardo servia de criado a um médico velho e solteiro que vivia na ilha como um preso qualquer.

Apesar das dificuldades de viver isolados do mundo, muitos presos ainda preferiam a ilha ao encarceramento entre quatro paredes, portanto, ainda era melhor o castigo de ter que trabalhar do que ficar à toa na clausura. Nesse contexto, na prisão em Fernando de Noronha, faz-se necessário observar a vida laboral das personagens, como o trabalho é visto pelas próprias personagens que, de certa forma, acabam contaminadas por essa voz narrativa autoral, que representa, através de suas criaturas, sentidos diversos do trabalho para cada indivíduo.

Nesse conjunto de personagens do qual faz parte Ricardo há dois grupos distintos: o que vê no trabalho uma forma de ressocialização e de ter, naquele contexto, um reconhecimento social jamais adquirido fora dali; e o grupo que entende o trabalho como algo punitivo, na prisão e fora dela. A personagem que diverge dessas posições é Ricardo, destino de quem o narrador acompanha fora da prisão na tentativa de se reinserir no mundo do trabalho, no qual encontra duas possibilidades: na construção de estradas em Recife ou atrás do balcão de um armazém na usina. Na primeira, o trabalho se configura para a personagem como algo alienante, forçado, já no armazém da usina, a personagem se sente mais valorizada, porque exerce um trabalho que não é estranhado, mas do domínio de uma técnica que o engrandece ali, a leitura e a escrita, por isso vê no exercício dessa atividade profissional um meio de socialização e de subjetividade até certo ponto, se não visse os seus em situação de miséria, que outrora eram tão bem acudidos pelo senhor de engenho.

Antes, porém, de apresentar cada um desses grupos de personagens, dos presos que trabalham no ambiente narrativo centrado na ilha, é preciso ressaltar a dimensão do trabalho para quem funciona como justiça, o Estado. Fica visível a partir dessa parte do romance um discurso de que o trabalho serve para regenerar, ou seja, só através dele, da aprendizagem de um ofício, é que o indivíduo se constitui como cidadão, portanto um

dogma, para usar a expressão de Lafargue (1883) em *O direito à preguiça*. Esse discurso que, por vezes, parece unificador no romance é captado, representado e refratado pelo autor muito possivelmente como forma de crítica ao modo como o estado e as classes dominantes significavam o trabalho, na tentativa de aprisionar o trabalhador, silenciá-lo e aliená-lo. No caso da narrativa, o autor também questiona o modo arbitrário como eram feitas certas prisões, para conter grevistas, a exemplo da situação da personagem Ricardo e de seus companheiros. Mas o romancista não fica apenas nesse nível, ele dá resposta à própria organização do movimento grevista, demonstrando certa fragilidade do movimento, quando representa na personagem Sebastião, um dos líderes grevistas, que também vai preso e logo é solto certamente porque possui influência política. É preciso lembrar que essa situação na qual estão inseridas tais personagens representa um momento importante da participação dos trabalhadores urbanos na cena política brasileira, quando desde o início do século XX, os trabalhadores buscavam, gradativamente, através do movimento operário e sindical, conquistas relativas ao mundo do trabalho, como regulamentação de jornadas, melhorias salariais e nas condições de trabalho. A prisão de Ricardo, Simão, Deodato e Jesuíno cumpre o papel por parte do governo de criminalizar os movimentos grevistas. Por outro lado, a liberdade repentina de Sebastião põe em xeque os ideais do movimento.

Assim, os demais envolvidos na greve ficam presos injustamente, em um novo contexto de trabalho, inseridos junto a criminosos cujo passado nos é apresentado de forma pormenorizada para destacar o trabalho digno que ali passam a exercer. Como anunciado anteriormente, pode-se perceber dois grupos distintos, ou seja, duas formas diferentes de significação do trabalho para essas personagens ali encarceradas.

No contexto da prisão, temos, no primeiro grupo, a personagem Sr. Manuel que exerce a função de cozinheiro, condenado por três mortes e que “nem parecia que era ele, quieto na cozinha, como um tigre a quem tivesse cortado as garras. Falava dos crimes com a maior naturalidade deste mundo, sem remorso e sem repugnância.” (REGO, 2012, p. 37). Outra personagem com características semelhantes é o cruel

bandido que rondava o Santa Rosa, Zé Moleque, narrado pela voz autoral com as seguintes considerações:

No presídio o bandido criara fama de boa pessoa, de trabalhador. Os seus roçados de farinha eram sempre os maiores e nunca estivera em cela, nunca dera o que fazer aos diretores. Deram-lhe trinta anos para tirar e ele ia fazendo a sua tarefa como melhor podia, conformado com os dias compridos da sentença. [...] trabalhava nas horas de descanso fazendo sapato. Aprendera o ofício na cadeia e já tinha seu pecúlio para quando saísse. (REGO, 2012, p. 38)

No outro grupo, os companheiros de Ricardo, Simão e Deodato, trabalhavam na padaria do presídio a amassar o pão que ajudava a nutrir o ódio que sentiam pelo mundo, cumprindo o anunciado pelo texto bíblico (Gn, 3-19): “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. Esses dois personagens passam a entender a existência dos cangaceiros no mundo a partir daquilo que o trabalho não lhes proporcionou anteriormente, melhores condições para conseguir de forma mais digna o pão de cada dia, afinal, por causa da greve trabalhista é que estavam naquela situação: “Besta é quem vai se meter em trabalho” (REGO, 2012, p. 45), proclamam as personagens através do narrador, que acena para uma dimensão de um trabalho que aprisiona.

Uma primeira questão importante trazida pelo romancista a partir desse cenário de aprisionamento das personagens é que efeitos exerce a prisão sobre a percepção que elas têm sobre o trabalho? Como se pode perceber a partir dos discursos das personagens já apresentados, os assassinos, representados por Sr. Manuel e Zé Moleque, descobrem um sentido outro, um outro modo de ser a partir dele, sentido um tanto idílico, proporcionado pelo discurso do Estado, de que “o trabalho dignifica o homem”, mas fica claro também que não há arrependimento sobre suas ações criminosas.

Os que já faziam parte do mundo do trabalho, caso de Simão e Deodato, descobrem-no movediço, alienante, sendo o encarceramento meio de fazer-lhes enxergar a realidade. Ricardo, a partir do caso amoroso que mantém com o cozinheiro, descobre no seu não-trabalho uma sensação de liberdade, um encontro consigo mesmo, apesar da vergonha: “Afinal de contas era um homem, queria trabalhar, mas foi aos poucos cedendo, cedendo que, quando deu fé de si, não tinha mais quase nada para

fazer na casa do doutor. Então deu para andar pela ilha à toa” (REGO, 2012, p. 50). A partir desse trecho, podemos entender o destino errante da personagem Ricardo como a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, segundo Lukács (2003). Esse devaneio de Ricardo aponta para a particularidade dessa personagem no romance, sua busca que não está apenas no trabalho como modo de sobrevivência e isso fica cada vez mais evidente para o leitor à medida que a narrativa avança. Uma situação narrativa que ilustra essa transformação é a dúvida apresentada por Ricardo ao sair da prisão: ficar na ilha e ser feliz ao lado de Manuel ou encarar uma vida difícil do outro lado. Não ter que trabalhar e contar com a proteção do amante só não foi a escolha de Ricardo porque era homem e precisava trabalhar. Neste momento, o discurso da centralidade do trabalho imposta pelo social impregna ideologicamente a personagem que, adiante, na sua incessante busca, no âmbito da narrativa, por algo que ainda não sabe o que é, repensa sua atitude.

Em Recife

A cidade de Recife nos é descrita como terra estrangeira, assolada pela modernidade, assim como a situação da família de Jesuíno, caída na miséria, com os filhos envolvidos em roubos e a mulher doente. O próprio Jesuíno, devido a resquícios da doença que o contaminara na ilha, só conseguira trabalho como ajudante de padaria, ganhando como menino, pois já não tinha mais forças para rodar o cilindro no ofício de padeiro. Diante disso, Ricardo se acha no dever de ficar ali, trabalhar para ajudar a família de seu amigo, mas só consegue serviço na construção da linha de bonde de Beberibe, cuja técnica de trabalho já apresentava elementos que nas fábricas se fortaleceriam, o olhar disciplinador do feitor/inspetor e os turnos de trabalho:

O trabalho era duro. De picareta na mão, cavando terra, no serviço puxado com os companheiros acostumados fazendo as coisas na maciota, conversando uns com os outros. Parecia o eito do Santa Rosa. O feitor estava tomando conta, os cabras de pés no chão, e a terra na frente, a tarefa dura para tirar. Criou calos nas mãos. E o sol queimava-lhe as costas, um sol como o da ilha. Os primeiros dias foram difíceis, mas aos poucos foi se acostumando. (REGO, 2012, p. 68)

Na sequência da narrativa podemos notar a consciência aguda de Ricardo sobre a sua realidade em relação aos outros trabalhadores, que riam, falavam de mulheres e faziam piadas enquanto batiam a picareta no chão. O narrador demarca esse trabalho árduo, alienante, quando enfatiza:

A vida para eles era as noites que eles tinham para gozar e os domingos e os dias santos em que se espichavam pelas portas dos mocambos quando não se davam às mulheres, à cachaça, aos folguedos dos ensaios para os grandes dias de Carnaval. (REGO, 2012, p. 68)

Mas Ricardo também pensa em voltar de onde, talvez, nunca devesse ter saído, do Engenho Santa Rosa, junto dos seus: “Trabalharia mais uma semana na linha do Beberibe, juntando o dinheiro da passagem, e na primeira ocasião ganharia para o Santa Rosa.” (REGO, 2012, p. 74) e continua: “Melhor era mesmo voltar, nem que fosse para o eito, nem que fosse para ser cabra de esteira, tombar cana, ser negro de confiança, ser o que quisessem que ele fosse.” (REGO, 2012, p. 78). Nesse discurso contrastante de Ricardo, que engrandece o trabalho duro no engenho em relação ao trabalho reificante da cidade, o narrador inicia um processo de fortalecimento ideológico presente na obra, a valorização de um tempo que não volta mais, um saudosismo que marca o trabalho nos engenhos como um trabalho de relações mais humanas.

Ricardo é a personagem entre esses dois mundos contrastantes, o rural e o urbano. Sai das terras de José Paulino, senhor do antigo engenho Santa Rosa, por uma vida mais digna, em busca de um trabalho que pudesse dar mais sentido a sua vida, mas fora não encontra saída. As condições de trabalho na cidade são apresentadas, inicialmente, como piores, de maior exploração, mesmo quando busca pelos direitos de que lhe falam acaba sendo preso. Encontramos, nesse sentido, a condução autoral para encaminhar o olhar do leitor sobre as precárias condições do trabalhador urbano em detrimento da vida menos sofrível que oferece o mundo rural, mas não aquele encontrado por Ricardo no retorno ao engenho, pois, pelo destino de Ricardo, fica claro que esse mundo já não mais existe, já não há mais saída, nem mesmo para o trabalhador rural, que passa a viver o processo de modernização dos engenhos com todas as suas agruras voltadas para o trabalhador.

No Santa Rosa, tomado pela usina Bom Jesus

Na volta ao Santa Rosa, Ricardo está no trem. A partir da cena apresentada inicialmente, será preciso retomar outro aspecto sobre o universo do trabalho que marca o romance em tela: os novos trabalhadores das usinas, substitutas dos engenhos. É a maquinaria moderna chegando no mundo rural, com a divisão de tarefas e mão de obra especializada.

A várzea agora era só cana que nem chegava a se ver o fim. Tinham botado abaixo os cajueiros. Eles tomavam terreno bom para a flor-de-cuba. Pela estrada iam chegando os trabalhadores, que vinham render as turmas da noite. Botadores de fogo, moendeiros, ensacadores de açúcar e a gente da esteira, que deixavam a cama dura para pegar até as oito horas da noite. No tempo do banguê, às seis horas tiravam a última têmpera, os carros de bois paravam às cinco, o motor se poupava para o outro dia. Usina tinha que ser de noite e de dia. (REGO, 2012, p. 140)

Com o advento da maquinaria moderna no lugar dos banguês, intensifica-se a produção do açúcar. Muda-se a forma de pagamento dos trabalhadores para se ter uma produção mais ágil, por tarefa realizada. A introdução desse novo sistema de produzir açúcar, a médio prazo, nas usinas maiores, desbancara vários trabalhadores de sua função, como os mestres de açúcar, que passaram a ser substituídos pelas atividades do químico que, sozinho, dava conta das atividades do mestre, do oficial do açúcar e do purgador. Sobre esse movimento, obviamente que em contexto totalmente diverso, Marx observara de modo perspicaz: “Como maquinaria, o meio de trabalho adquire um modo de existência material que pressupõe a substituição da força humana por forças naturais e da rotina empírica pela aplicação consciente das ciências da Natureza.” (MARX, s/d, p. 20)

No entanto, o dono da usina Bom Jesus, o dr. Juca, adotando cálculo semelhante a de outros capitalistas da indústria europeia enfocados por Marx (1996) em seu conhecido “Maquinaria e Indústria Moderna”, prefere a mão de obra barata a investir em ciência e tecnologia quando este não lhe permite maiores lucros.

Em Recife lhe falavam em contratar químico. Mas um químico custaria uma fortuna, querendo contrato, todo um luxo de cidade. Ele pagava dez mil-réis a

cada cozinheiro, botando para fora se não desse conta do recado. E estava livre de trazer para ali um estranho, fiscalizando o que ele fazia. (REGO, 2012, p. 161)

Por outro lado, ao planejar a expansão da usina, Juca não mede esforços para investir em maquinários mais modernos, que poderiam garantir melhor aproveitamento da cana e redução de mão de obra: “As carroças de cana não precisariam de ninguém para cair nas esteiras. Era só numa alavanca. Um homem só faria o serviço de cem.” (REGO, 2012, p. 167)

É nesse contexto que Ricardo observa os trabalhadores a sua volta: “Depois Ricardo viu um exército caminhando pela estrada. Para mais de trezentos homens de enxada ao ombro. Era um eito da usina que se botava para o partido da Paciência.” (REGO, 2012, p. 140). É o novo perfil do trabalhador do canavial, formado agora também pelos sertanejos que só davam seis dias de trabalho semanal ao senhor da usina, que por sua vez não se incomodava com outras necessidades desse trabalhador como moradia e remédios.

Na rua da usina, a vida era como se fosse de uma rua da cidade. Os operários levavam vida de grande, em relação aos outros do campo. Bastava ver a casa em que moravam, com luz elétrica, latrina, chão de tijolo. (REGO, 2012, p. 205)

Outro trabalhador que passa a fazer parte desse sistema é o operário, aquele que trabalha diretamente na produção do açúcar, com conhecimento especializado, por isso tinha mais regalias que os demais. É nesta classe operária em especial que se pode perceber, no romance, um discurso que se apropriou do sistema de competitividade instalado entre os usineiros. Os operários da Bom Jesus desprezavam a estrutura precária da usina em relação a outras maiores, como a da Catunda, usina na qual tinham trabalhado anteriormente, onde tinham o que fazer, o que consumir. Fica visível o esquema dos usineiros para manter a mão de obra de que necessitavam, cercando seus trabalhadores de opções de consumo, para que desejassem depender cada vez mais daquele universo de produção. Esses supostos benefícios camuflavam interesses posteriores por parte dos usineiros: garantia de produtividade em ambiente disciplinado.

Nesse cenário de usina que transformava aos poucos o antigo Santa Rosa em vila operária, Ricardo passa a trabalhar no comércio, como caixeiro do barracão da usina, onde os trabalhadores deixavam o seu dia de trabalho e se aprisionavam cada vez mais ao trabalho daquele lugar na compra de comida e de outras utilidades, como chapéu de palha, fumo de rolo, cachimbo e cachaça:

Dinheiro não corria na usina. A moeda corrente era uns vales de metal. Os trabalhadores davam os seus dias de serviço e quando conseguiam saldo ficavam com a sua moeda correspondendo ao valor. Trabalhavam pelo quilo do ceará, pelo litro de farinha ou de feijão e quando o trabalho valia mais que a precisão de comer levavam para a casa o vale de tanto, a moeda que só tinha valor no barracão da usina. (REGO, 2012, p. 145)

Esse sistema de pagamento, porém, não se aplicava aos sertanejos que chegavam de fora para trabalhar na safra. Eles exigiam o dinheiro corrente para subir para suas terras quando desse chuva. O que se percebe nessa massa trabalhadora na usina é uma fortíssima divisão de classe, de classes em embate permanente. De um lado, os trabalhadores da zona da mata em um sistema que os aprisiona, o pagamento com vales para consumo local; de outro, os sertanejos e os operários, que estavam livres desse sistema e recebiam em moeda corrente. Já o sistema de trabalho de Ricardo, também de assalariado como desses últimos, era das seis da manhã às dez da noite e ganhava sessenta mil réis por mês com direito a comer com os oficiais na casa-grande da usina em função do valor que representava seu trabalho, um trabalho imaterial, o que o diferenciava aos olhos do usineiro.

Com seu retorno, Ricardo pretendia construir uma narrativa linear para si na tentativa de apagar os fragmentos do passado em Fernando de Noronha e no Recife, mas o contexto da usina, com intensificação da divisão de classe, tornava a vida do trabalhador muito mais dura do que a de seu tempo de menino no engenho, e o protagonista se vê em uma nova prisão. Ali Ricardo não conseguia opinar e nem reagir, mantido em estado de pressão: “Que valeria aquela vida de usina, vendo tanta gente morrer e a fome andando pelo meio do povo, com mais impiedade que pela casa de Jesuíno?” (REGO, 2012, p. 345). Esse cenário mexe profundamente com o moleque

Ricardo até o dia em que ele deságua como o Paraíba e, num súbito, abre a porta do barracão para a multidão entrar em busca de comida. Ricardo leva um tiro pelas costas porque age a favor do pobre trabalhador esfomeado.

Segundo Bakhtin, essa seria uma atividade mental do nós exemplificada pelo tema da fome, uma realidade coletiva, “experimentada pelos membros de uma coletividade unida por vínculos materiais objetivos” (1986, p. 116). Assim, justifica-se o protesto violento da multidão sobre o armazém da usina. A fome coletiva não dá margem para resignação e submissão. É o sistema de trabalho alienante, explorador, na usina canavieira nordestina, experimentando seus próprios limites.

Considerações finais

A leitura com foco na construção do discurso literário sobre o trabalho no recorte proposto possibilita-nos uma certa compreensão do projeto ideológico do autor, cuja família era proprietária de engenho, sobre a passagem do sistema de banguês à usina, do campo à cidade e o seu caminho inverso. Com o enfoque aqui proposto, na voz da personagem Ricardo, concedida pelo narrador, percebe-se um saudosismo do tempo de engenho que significa um trabalho de mais subjetividade e sociabilidade, enquanto o trabalho encenado na cidade e na usina passa a ter um sentido de alienação e estranhamento.

Assim, aquela classe trabalhadora do eito, dos que já viviam na usina desde o tempo do Santa Rosa, passa a ser contaminada pela voz autoral de que no passado havia no trabalho um sentido mais humanizador, acrescido pelo fato de que o assassino cruel que habitava o Santa Rosa, pelo trabalho com a natureza na ilha de Fernando de Noronha, na plantação, havia encontrado nesse tipo de trabalho um sentido para sua vida. Já na classe trabalhadora operária da usina ou dos sertanejos, fica evidente um sentido de trabalho estranhado, que reifica o homem, o que culmina também com o discurso negativo dos amigos de Ricardo, Simão e Deodato, o de que é besta quem se mete com trabalho. Ricardo por sua vez, como não pode recuperar o tempo de menino, o do engenho, de trabalho mais humanizador, tendo certa consciência da realidade que o

cerca e também da realidade fora dali, para não se reificar, estabelece íntima conexão entre trabalho e vida, acaba deixando-se morrer na tentativa de atender a sua gente na fome, quando a usina está tomada por dívidas e inundada pela cheia do rio.

A narrativa insiste na valorização das relações de trabalho dos tempos de engenho em que o trabalhador do campo podia lutar nas horas livres pela sua sobrevivência plantando sua roça em um pedaço de terra concedido pelo senhor de engenho. É como se nesse tempo o trabalhador fosse menos explorado, ignorando-se, por exemplo, a já existência da divisão de trabalho e intensificação do mesmo nos moldes banguês. De engenho à usina, a mudança mais significativa, se é que se pode falar em mudanças, ocorreu no modo de administrar, uma mais pessoal e a outra menos em função dos interesses escusos dos patrões, tanto de um tempo quanto de outro. Entretanto, no discurso romanesco enfatiza-se a centralidade de um trabalho humanizador nos tempos de engenho devido ao sentimento saudosista imperante na voz autoral que contamina a condução narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. - (Coleção Leitura)

LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LUKÁCS, G. As formas da grande épica em sua relação com o caráter fechado ou problemático da cultura como um todo. In.: *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2003.

LUKÁCS, G. *Ontologia del ser social: el trabajo*. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MARX, K. A Maquinaria e a Indústria Moderna. In: *O Capital: Crítica da Economia Política*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, vol. II, 1996.

MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. I. s/d.

REGO, José Lins do. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

